

A VIVÊNCIA ESPORTIVA À PRÁTICA PEDAGÓGICA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabrielle Machado Gonçalves¹
Diego de Matos Noronha²

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a construção da identidade docente a partir da transição da experiência como atleta para a formação acadêmica em Educação Física. Parte-se do entendimento de que ninguém chega à licenciatura “em branco”; ao contrário, traz consigo marcas, memórias e movimentos que influenciam diretamente sua maneira de ensinar. A vivência esportiva, fortemente associada à competitividade, ao rendimento e à performance, moldou inicialmente uma compreensão de corpo voltada ao resultado — como se cada gesto precisasse provar algo ao mundo. Contudo, ao ingressar na graduação, novas perspectivas começaram a despontar. A Educação Física passou a ser compreendida como componente curricular comprometido com a formação integral dos sujeitos, e não apenas com o desempenho técnico. Nesse processo, os saberes experienciais, conforme discutidos por Maurice Tardif, revelam-se fundamentais, pois a experiência prévia constitui parte significativa da formação profissional. Ao mesmo tempo, a noção de práxis em Paulo Freire — entendida como ação-reflexão-ação — possibilita problematizar práticas naturalizadas e transformá-las à luz de uma postura crítica. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo e reflexivo, baseado na análise da própria trajetória formativa. Os resultados indicam que a passagem do papel de atleta para o de futura docente gerou um processo de ressignificação das concepções sobre corpo, esporte e ensino. A prática pedagógica deixou de priorizar exclusivamente a performance para valorizar a inclusão, a participação e o desenvolvimento crítico dos estudantes. Conclui-se que a articulação entre experiência esportiva e formação acadêmica, mediada pela reflexão, é essencial na construção de uma docência comprometida com uma Educação Física democrática, sensível e transformadora.

Palavras-chave: Identidade docente, Educação Física, Experiência prévia, Práxis, Transformação Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A construção da identidade docente constitui um processo complexo, atravessado pelas diferentes experiências que cada sujeito acumula ao longo de sua trajetória. No campo da Educação Física, esse processo apresenta especificidades, uma vez que muitos estudantes ingressam na licenciatura trazendo consigo vivências esportivas marcadas pela competitividade, pelo alto rendimento e pela valorização da performance. Tais experiências

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa - RS, gabriellemachado.aluno@unipampa.edu.br;

² Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa - RS, diegonoronha.aluno@unipampa.edu.br.



não apenas compõem a história de vida desses sujeitos, mas também influenciam diretamente suas concepções iniciais sobre corpo, movimento e ensino.

De acordo com Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são plurais e têm origem em diferentes fontes, sendo os saberes experienciais — construídos ao longo da vida — fundamentais na constituição da prática profissional. Nesse sentido, as vivências esportivas anteriores à formação acadêmica tendem a ocupar um lugar central na maneira como futuros professores compreendem e organizam suas intervenções pedagógicas. No entanto, quando não problematizadas, essas experiências podem resultar na reprodução de práticas pautadas em modelos tecnicistas e excludentes no contexto escolar.

No âmbito da Educação Física escolar, autores como o Coletivo de Autores (1992) defendem a necessidade de compreender as práticas corporais como manifestações culturais historicamente produzidas, ampliando o olhar para além da lógica do rendimento esportivo. Nessa perspectiva, o ensino da Educação Física deve estar comprometido com a formação integral dos sujeitos, promovendo o acesso crítico às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Assim, compreender como as vivências esportivas são apropriadas e transformadas em práticas pedagógicas torna-se fundamental para refletir sobre a formação de professores na área. A partir da perspectiva crítica de Paulo Freire (1996), entende-se que a prática docente deve ser orientada pela práxis, isto é, por um movimento contínuo de ação-reflexão-ação, no qual o educador problematiza suas próprias experiências e ressignifica suas práticas à luz de uma postura crítica e comprometida com a transformação social.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a construção da identidade docente a partir da transição da experiência como atleta para a formação acadêmica em Educação Física. Parte-se do pressuposto de que os sujeitos não ingressam na formação inicial como “tábulas rasas”, mas carregam consigo valores, saberes e perspectivas que influenciam diretamente sua atuação profissional.

Por fim, busca-se discutir de que modo essas experiências podem ser ressignificadas ao longo do percurso formativo, contribuindo para a consolidação de uma prática pedagógica crítica, inclusiva e comprometida com a formação integral dos estudantes, em consonância com uma Educação Física escolar democrática e socialmente referenciada.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza reflexiva, ancorada em pressupostos autobiográficos, tendo como foco a análise do



percurso formativo da autora no campo da Educação Física. Tal abordagem permite compreender, de maneira aprofundada, os significados atribuídos às experiências vividas ao longo da trajetória pessoal e acadêmica, reconhecendo o sujeito como produtor de saberes.

A escolha por essa perspectiva metodológica justifica-se pela possibilidade de investigar a construção da identidade docente a partir das próprias vivências, considerando que, conforme destaca Maurice Tardif (2014), os saberes experienciais ocupam papel central na formação profissional docente. Nesse sentido, a experiência prévia como atleta é tomada não apenas como ponto de partida, mas como elemento constitutivo das concepções iniciais de corpo, esporte e ensino.

O estudo assume características de uma abordagem autobiográfica, na qual a trajetória da autora é compreendida como objeto de análise, possibilitando a problematização das ideias e práticas construídas ao longo do tempo. Esse movimento reflexivo está em consonância com a perspectiva de Paulo Freire (1996), ao compreender a formação como um processo de práxis, fundamentado na relação dialética entre ação, reflexão e ação transformadora.

Cabe destacar que a análise foi desenvolvida considerando um momento inicial da formação docente, uma vez que a autora ainda não teve inserção direta no contexto escolar. Dessa forma, o estudo concentra-se na transição da identidade de atleta para a de futura professora, enfatizando as mudanças de perspectiva acerca do corpo, do esporte e do ensino ao longo da formação acadêmica.

Para a construção das análises, foram mobilizados referenciais teóricos dos campos da Educação e da Educação Física, estabelecendo um diálogo entre experiência e teoria. Esse processo possibilitou a problematização de concepções anteriormente naturalizadas, contribuindo para a construção de uma compreensão mais crítica, reflexiva e fundamentada da prática pedagógica em Educação Física.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção da identidade docente em Educação Física constitui um processo dinâmico e multifacetado, atravessado por experiências pessoais, trajetórias escolares e processos formativos. Nesse sentido, compreender a docência implica reconhecer que os sujeitos não ingressam na formação inicial desprovidos de saberes, mas carregam consigo um conjunto de experiências que influenciam diretamente suas concepções e práticas pedagógicas.



De acordo com Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são de natureza plural e se constituem a partir de diferentes fontes, entre elas os saberes experienciais, que emergem das vivências acumuladas ao longo da vida. Esses saberes, especialmente no campo da Educação Física, estão frequentemente relacionados às experiências esportivas, geralmente marcadas por valores como competitividade, rendimento e desempenho. Quando não problematizados, tais elementos podem ser incorporados de forma acrítica à prática pedagógica, reforçando modelos tradicionais e excludentes de ensino.

Nessa direção, Antônio Nóvoa (1992) destaca que a formação docente deve ser compreendida como um processo de construção da identidade profissional, no qual a reflexão sobre a própria trajetória assume papel central. Para o autor, “formar-se” implica um movimento contínuo de auto análise e reconstrução, no qual as experiências vividas são reinterpretadas à luz de novos referenciais teóricos e práticos.

No campo específico da Educação Física, Valter Bracht (1999) problematiza a hegemonia do esporte de rendimento como eixo estruturante das práticas pedagógicas escolares, apontando a necessidade de superação de uma visão reducionista que limita o ensino à reprodução de técnicas esportivas. De modo complementar, Elenor Kunz (1994) propõe uma abordagem crítico-emancipatória, na qual o ensino deve possibilitar aos estudantes a compreensão crítica das práticas corporais, promovendo autonomia, participação e reflexão.

Essas contribuições dialogam diretamente com a perspectiva de Paulo Freire (1996), especialmente por meio do conceito de práxis, entendido como a articulação entre ação e reflexão. Para Freire, a prática educativa deve ser intencional, crítica e comprometida com a transformação social, exigindo do educador uma postura reflexiva diante de suas próprias experiências e concepções. Assim, a docência não se configura como mera reprodução de saberes, mas como um processo contínuo de construção e reconstrução do conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, o Coletivo de Autores (1992) reforça que a Educação Física escolar deve assumir o compromisso com a formação integral dos sujeitos, compreendendo as práticas corporais como manifestações da cultura corporal de movimento. Tal entendimento amplia o papel da disciplina, deslocando o foco do rendimento para a inclusão, a diversidade e a participação crítica dos estudantes.

Diante disso, a formação inicial em Educação Física deve constituir-se como um espaço de problematização das experiências prévias dos sujeitos, especialmente aquelas vinculadas à vivência esportiva. A articulação entre os saberes experienciais (Tardif), a construção da identidade profissional (Nóvoa) e a perspectiva crítica e emancipatória (Freire,



Bracht e Kunz) possibilita compreender a docência como um processo reflexivo, no qual o futuro professor é desafiado a ressignificar suas trajetórias e construir práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e socialmente comprometidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da trajetória formativa evidencia que a vivência esportiva desempenhou papel central na constituição inicial das concepções de corpo, movimento e ensino. Em um primeiro momento, tais concepções estavam fortemente ancoradas em uma lógica de desempenho, competitividade e rendimento, refletindo uma compreensão do corpo como instrumento voltado à performance. Esse entendimento, construído a partir das experiências prévias como atleta, aproxima-se do que Maurice Tardif (2014) denomina de saberes experienciais, os quais influenciam significativamente as práticas e percepções dos futuros docentes.

Esses saberes, por sua vez, não se apresentam de forma neutra, mas carregam valores, crenças e modos de compreender o mundo que tendem a orientar as práticas pedagógicas, especialmente nos momentos iniciais da formação. No caso da Educação Física, isso se manifesta na centralidade atribuída ao esporte de rendimento, à execução técnica e à comparação de desempenhos, o que pode limitar o potencial educativo da disciplina. Conforme problematiza Valter Bracht (1999), a predominância dessa lógica no contexto escolar contribui para a reprodução de práticas que privilegiam poucos estudantes, em detrimento da participação ampla e significativa de todos.

A partir dessa perspectiva, o ensino da Educação Física tende a ser compreendido de forma reduzida, centrado predominantemente nos aspectos técnicos e esportivos, desconsiderando as múltiplas dimensões que constituem o processo educativo, como os aspectos sociais, culturais, afetivos e políticos do movimento humano. Essa redução pode resultar em práticas pedagógicas que reforçam processos de exclusão, especialmente de estudantes que não se identificam ou não se destacam nos modelos tradicionais de desempenho esportivo.

Entretanto, ao longo do processo de formação acadêmica, observa-se um movimento significativo de ressignificação dessas concepções. O contato com referenciais teóricos críticos, aliado às discussões desenvolvidas no âmbito da formação inicial, possibilitou a ampliação do olhar sobre a Educação Física, que passou a ser compreendida como um componente curricular comprometido com a formação integral dos sujeitos. Esse



deslocamento de perspectiva evidencia a importância do papel formativo da universidade na problematização de saberes previamente constituídos.

Esse processo de transformação não ocorre de maneira automática, mas exige um movimento intencional de reflexão crítica sobre as próprias experiências, conforme apontado por Antônio Nóvoa (1992), ao compreender a formação docente como um processo contínuo de construção e reconstrução da identidade profissional. Nesse sentido, revisitar a trajetória como atleta possibilita não apenas reconhecer os limites de determinadas concepções, mas também identificar potencialidades que podem ser ressignificadas no contexto pedagógico.

A incorporação de referenciais como o Coletivo de Autores (1992) e a perspectiva crítico-emancipatória de Elenor Kunz (1994) contribuiu significativamente para esse processo, ao ampliar a compreensão sobre o papel da Educação Física escolar. A disciplina passa, então, a ser entendida como espaço de acesso à cultura corporal de movimento, no qual o ensino deve promover não apenas a execução de práticas, mas a compreensão crítica de seus significados sociais e culturais.

Nesse contexto, a noção de práxis proposta por Paulo Freire (1996) torna-se central para compreender o movimento de transformação vivenciado. A articulação entre ação e reflexão possibilita que o sujeito não apenas reconheça suas concepções iniciais, mas seja capaz de transformá-las, construindo novas formas de pensar e agir pedagogicamente. Trata-se, portanto, de um processo formativo que ultrapassa a aquisição de conhecimentos técnicos, envolvendo a construção de uma postura crítica diante da realidade.

Como resultado desse percurso, observa-se a emergência de uma prática pedagógica mais sensível às diferenças, na qual passam a ser valorizados princípios como inclusão, participação, respeito à diversidade e formação crítica dos estudantes. Esse deslocamento implica compreender que o ensino da Educação Física não deve se orientar exclusivamente pelo desempenho, mas pela criação de experiências significativas que possibilitem a todos os estudantes se reconhecerem como sujeitos ativos no processo educativo.

Além disso, a ressignificação da vivência esportiva permite compreender que o esporte, quando abordado de forma crítica, não precisa ser excluído do contexto escolar, mas sim reelaborado pedagogicamente. Isso significa deslocar o foco do resultado para o processo, valorizando aspectos como cooperação, ludicidade, reflexão e construção coletiva, ampliando as possibilidades de participação e aprendizagem.

Por fim, os resultados indicam que a construção da identidade docente em Educação Física está diretamente relacionada à capacidade de articular experiência e reflexão. Esse processo evidencia que a formação inicial desempenha papel decisivo na mediação entre o



vivido e o aprendido, possibilitando a superação de concepções restritas e a construção de práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e socialmente comprometidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite afirmar que a construção da identidade docente em Educação Física é um processo contínuo, dinâmico e profundamente atravessado pela articulação entre as experiências prévias dos sujeitos e os conhecimentos construídos ao longo da formação inicial. A vivência esportiva, inicialmente marcada por uma lógica centrada no desempenho, na competitividade e no rendimento, mostrou-se elemento estruturante das concepções iniciais de corpo, movimento e ensino, evidenciando a centralidade dos saberes experienciais na constituição da docência, conforme aponta Maurice Tardif (2014).

Entretanto, os resultados indicam que tais concepções não são estáticas, podendo ser problematizadas e ressignificadas no decorrer do percurso formativo. Nesse sentido, destaca-se o papel fundamental da formação inicial como espaço de mediação crítica, no qual os sujeitos são instigados a revisitar suas trajetórias, questionar concepções naturalizadas e reconstruir seus modos de compreender e intervir pedagogicamente. Esse movimento encontra respaldo na perspectiva de Paulo Freire (1996), ao compreender a formação como um processo de práxis, orientado pela relação dialética entre ação, reflexão e transformação.

A ressignificação da vivência esportiva, evidenciada ao longo deste estudo, não implica sua negação, mas sua reelaboração no âmbito pedagógico. Isso significa reconhecer o esporte como um conteúdo relevante da Educação Física escolar, desde que abordado de forma crítica, inclusiva e contextualizada, superando a centralidade do rendimento e ampliando as possibilidades de participação dos estudantes. Tal compreensão reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, o diálogo, a cooperação e a construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, compreende-se que a articulação entre experiência e reflexão constitui elemento central na formação docente, permitindo a superação de perspectivas reducionistas e a construção de uma prática pedagógica comprometida com a formação integral dos sujeitos. No contexto da Educação Física escolar, isso se traduz na valorização não apenas do desempenho, mas também das dimensões sociais, culturais, afetivas e críticas do movimento humano.

Por fim, ressalta-se a importância de que os cursos de formação em Educação Física promovam espaços sistemáticos de reflexão crítica sobre as trajetórias dos licenciandos,



reconhecendo-os como sujeitos históricos e portadores de saberes. Ao favorecer processos de ressignificação das experiências vividas, a formação inicial contribui para a construção de uma docência mais sensível, inclusiva e socialmente comprometida, alinhada a uma perspectiva democrática e emancipatória de educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiiana, pelo suporte institucional e pelas oportunidades ao longo da formação acadêmica; ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pela inserção no contexto educacional e pelas contribuições à formação inicial docente; ao professor Diego de Matos Noronha, pela orientação e apoio no desenvolvimento deste trabalho; e à família, pelo incentivo e suporte durante a trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 1994.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

